

*Discurso na cerimônia de instalação
do rotor da 1ª unidade da 2ª fase da
usina hidrelétrica de Tucuruí*

TUCURUÍ, PA, 28 DE JUNHO DE 2002

Meu caro amigo e Governador deste querido Estado do Pará, Dr. Almir Gabriel; Senhor Ministro Francisco Luiz Sibrut Gomide; Senhores Dirigentes da Eletronorte; Dr. Altino Ventura Filho, Presidente da Eletrobrás, aqui presente; Senhores Parlamentares, que me dão a honra da presença; Prefeitos e Prefeitas, tão maciçamente aqui presentes; Trabalhadores, Trabalhadoras de Tucuruí; Senhoras e Senhores,

Agora há pouco, já o disse o Governador Almir Gabriel, quando o rotor descia e se entoava o Hino Nacional, e pouco a pouco vinha chegando essa imensa bandeira, acho que todos nos emocionamos, Governador. Todos nos emocionamos e não podemos deixar de ter um pensamento semelhante ao seu, ainda mais agora que, no domingo, vamos estar todos torcendo com força e energia pelo Brasil e dizer que somos um povo de campeões. Somos um povo de vencedores, porque fomos construindo, como agora a nossa equipe se construiu, pouco a pouco. Tem uma coisa errada aqui, outra ali, ou não dá certo, o capitão, o treinador, não-sei-o-quê, mas, pouco a pouco, nós vamos nos organizando e va-

mos impondo a nossa vontade nacional de transformar esse Brasil, como o estamos transformando, num grande país.

O vídeo passado há pouco, que mostrava o que era esta região, e alguns daqui conhecem de priscas eras esta região, é simples para mostrar o quanto mudou. E para melhor. Não havia nem estrada, se estávamos construindo um lago, uma usina, um projeto de eclusa. Isso foi assim no Brasil inteiro. Tenho repetido, quando vejo certas ondas de pessimismo, que aqueles que sempre chamei de “fracassomaníacos” só torcem contra, reclamam de tudo.

Eu tenho dito: “Olha, será que não viram o que aconteceu no Brasil nesses 100 anos?” Não precisa nem de 100: nos últimos 60 anos, 50 anos, 40 anos, 30 anos, 10 anos. Quando nasci – e aqui alguns são um pouquinho mais velhos do que eu; o Governador Almir Gabriel nem sonhava em nascer –, naquela época, só havia no Brasil um trecho de estrada pavimentada. Era do Rio a Petrópolis. Eu nasci no Rio. Quando mudei para São Paulo, em 1940, em São Paulo só havia um trechinho pavimentado: era de Santos a São Paulo. Para ir ao Rio, de São Paulo, quando chovia, eram dois dias, e era lama. Aliás, até hoje eu sou bom em guiar na lama, e brincava com meus filhos quando começava a chover: “Passa o carro para mim.” Porque, na nossa época, ou a pessoa sabia guiar na lama, como alguns que nascem na Europa aprendem a guiar na neve, ou não podia andar de automóvel. Aliás, eram tão poucos os automóveis. Não havia estradas. Hoje, não sei exatamente, não tem ninguém aqui do Ministério dos Transportes para me ajudar, mas, só no âmbito federal, nós temos cerca de 50 mil quilômetros de estradas. Como isso foi feito? Foi com pessimismo? Foi com descrença? Foi com capitulação? Não. Foi com coragem, com decisão, com energia e com muita gente trabalhando. E esse povo, que hoje trabalha em máquinas, naquela época trabalhava na picareta e com a mão. E fomos construindo o Brasil

Hoje, aqui, estamos vendo descer este rotor. Em menos de oito anos, das 6 turbinas que giram em Xingó, inaugurei 5. Isso foi ontem, portanto. Cinco. Quer dizer que nós adicionamos, só em Xingó, 2 mil e 500 megawatts. Havia 500, e os 500 que havia foram feitos pelo Governo

Itamar Franco, foi ontem. Quarenta por cento da energia do Nordeste foi inaugurada nesses últimos oito anos.

Agora, será que foi só no Nordeste? Não. Aqui nós estamos passando de mais ou menos 4 mil megawatts para 8 mil. Um pouquinho mais até. Estamos dobrando a produção. Mesmo em Itaipu, a grande Itaipu, a maior usina do mundo até hoje, nós estamos aumentando mais duas turbinas. E faz poucos meses eu estive lá para ver algo semelhante: o rotor.

Mas será que foram só as grandes que nós fizemos nesses anos? Não. Mesmo lá, no Sul, do Ministro Gomide, Jorge Lacerda – estava parada; Machadinho, que está ali, ao lado e tantas outras mais; a usina que se chama Luis Eduardo Magalhães, em Lajeado; a usina Sérgio Motta, em Porto Primavera, lá em Rosana. Eu nem saberia contar quantas usinas nesse gesto simples, simbólico, de tirar um pano de uma placa para dizer: está inaugurada mais uma usina no Brasil. Hidrelétricas: 26. Fora termoeleétricas. E será que nós continuamos dizendo que o Brasil não avança?

Nós enfrentamos a crise de energia recentemente, e parecia que o mundo ia desabar. E o mundo não desabou. As obras que já estavam em marcha continuaram. E não conseguimos ultrapassar as dificuldades? E não aprendemos também que, embora tenhamos esse imenso potencial hídrico, precisamos ter as nossas cautelas para suplementar o potencial hídrico com a termoelétrica, com energia eólica, com outras fontes de energia? E nós, hoje, não estamos pedindo ao mundo, como eu vou pedir em Johannesburgo, na África, daqui a poucos meses, como pedi esta semana, no Rio de Janeiro, ao Primeiro-Ministro da Suécia, ao Presidente da África do Sul, ao Vice-Primeiro Ministro da Inglaterra, que nos ajudassem a colocar diante do mundo aquilo que nós já temos? Ou seja, pedi que todos os países se comprometam a ter, pelo menos, 10% de energia gerada por fontes renováveis. Aqui, no Brasil, é o contrário: temos 90% gerados por fontes renováveis. Ou mais. Estamos na vanguarda nesse processo.

Então, Governador, é realmente para crer no País, é para crer neste país que é capaz de fazer tudo isso e é capaz de, ao fazê-lo, não se deixar embevecer apenas por isso que já é tão extraordinário, que é a obra

material. A obra material é extraordinária. Este rotor é feito aqui. Eu não tenho certeza: é Siemens? Alstom? Feito aqui. Essas peças são fabricadas no Brasil. Quem trabalhou? Em grande maioria, engenheiros brasileiros. Os técnicos são brasileiros, os trabalhadores são brasileiros, tudo é feito aqui.

Nós mudamos o patamar de produção do Brasil nesses anos. Pode se dizer que não crescemos na velocidade que eu gostaria, é certo. Crescemos mais que a média do mundo, mas menos do que nós precisamos, por causa do emprego. Ainda assim, recebi os dados ontem, empregos formais, este ano, já criamos 540 mil e, de janeiro do ano 2000 até agora, 1 milhão e 800 mil empregos. É pouco porque a nossa população é jovem e cresce e, portanto, quer mais. Mas quantos países do mundo têm a capacidade de criar tantos empregos quanto nós? É que, por sorte, nós temos capacidade de criar mais crianças ainda do que emprego. E nós vamos ter que dar mais emprego porque nós queremos continuar criando crianças, e crianças saudáveis.

Esse é o nosso problema. A população cresce depressa e a economia fica sempre atrás. Mas é dinâmica, como é dinâmica a mudança democrática no Brasil. Então, daqui a uns vinte anos, a força de trabalho que vai pressionar a sociedade, a economia, melhor dito, será menor do que hoje. E o impulso da economia será maior do que hoje. Então, o futuro não vai ser de tragédia, como alguns pensam. Desde que nós trabalhemos, será de prosperidade, será melhor para o País. Mas por quê? Porque nós plantamos as bases para o Brasil crescer.

Quantas vezes ouvi: “Ah, mas está desnacionalizando o Brasil.” Será verdade? Os dados não dizem isso. Nós mudamos o patamar produtivo, isso sim. Antes, a nossa produção, como era cercada de barreiras alfandegárias – por circunstâncias justificáveis na época –, a qualidade era mais discutível. Hoje, o consumidor brasileiro quer consumir com qualidade global. E, como a produção hoje precisa ser exportada também, ela tem que ter qualidade global. O carro que se consome no Brasil e se fabrica no Brasil é o mesmo carro que se consome na Europa ou nos Estados Unidos e que se exporta para Europa, para os Estados Unidos ou para a Ásia.

A petroquímica brasileira, com muito esforço, foi sendo deslindada para poder competir em nível internacional. A mineração brasileira está dando passos grandes, até mesmo para se tornar multinacional. O aço produzido no Brasil cresceu muito, a qualidade desse aço é global também e hoje compete internacionalmente. Compete tanto que põem, lá fora, subsídios em cima de nós, para evitar que nós façamos competição.

O avião em que se voa lá fora é, muitas vezes, feito aqui, no Brasil, com tecnologia adaptada e desenvolvida aqui, com qualidade para ser exportado. Mudou o patamar produtivo do Brasil. Assim, se as condições internacionais permitirem, o novo ciclo de crescimento vai dar-se a partir de uma base mais sofisticada, mais competente, mais técnica e melhor. Isso aconteceu porque nós temos engenheiros, porque nós temos pesquisadores, porque nós temos operários qualificados, porque houve treino, porque hoje o Brasil produz 6 mil doutores por ano. É a mesma coisa que o Canadá. É a mesma coisa que a Itália.

Será que é preciso continuar ainda pondo em dúvida o potencial, que já é real, deste país? É antipatriótico não acreditar no Brasil. Eu acredito no Brasil. Nós temos que acreditar no Brasil, não por uma crença vazia, mas pelo que nós já fizemos, estamos fazendo e continuaremos a fazer. Mudou tudo. A produção agrária hoje é outra. Estamos produzindo cerca de 100 milhões de toneladas de grãos. Mas a área não se expandiu. No começo, os pessimistas de sempre apontavam só este fato: não está aumentando a área produtiva. Esqueceram-se da mudança que estava ocorrendo na qualidade da produção, na tecnologia, na qualidade da semente, na Embrapa, que estava produzindo sementes novas, na competência dos nossos empresários agrícolas.

Na mesma quantidade de terra agriculturável, nós passamos de 50 e poucos milhões de toneladas para 100 milhões de toneladas em dez anos. Quase dobramos a produção agrícola. E, hoje, o Brasil, em termos internacionais, é número um ou dois em soja, em milho, em cítricos, em café, em açúcar e por aí vai. Um ou dois países no mundo ou só os Estados Unidos produzem mais do que nós. E não com maior produtividade.

Esse é o nosso país. “Ah, tem problemas”, o Governador Almir Gabriel disse muito bem. E quantos problemas! Eu que sei; ele que sabe. O dia inteiro só enfrento problemas. Fora os que vêm lá de fora, que são muitos. Tem problemas, mas aí é preciso dizer que houve, também, uma mudança qualitativa. Hoje, quando se inaugura, aqui, o rotor, quando se antecipa que vai haver um acrescentamento da produção de energia, qual a preocupação que aqui se desenhou? E o que disse o Prefeito em primeiro e principal lugar? Ele falou, não foi da máquina, foi das pessoas. Ele falou foi da população, foi dos programas de educação, de saúde, do acesso à terra.

Hoje, nós temos uma rede efetiva de programas sociais que não dependem de apadrinhamento. Os recursos vão direto. Nunca perguntei se o prefeito é desse ou daquele partido, se o governador é desse ou daquele partido. Quis saber uma só coisa: está funcionando ou não para o povo? E o povo recebe por meio de cartões, diretamente, não precisa de intermediário. Mudou. Estamos quebrando o clientelismo, estamos acabando com a política velha, podre, que corrompia, que corroía os recursos da população.

Cansei de ouvir dizer: “Ah, está bem, o Governo fez a estabilidade, mas não olhou pelo social.” Pois bem, leiam o que saiu na *Folha de São Paulo*, escrito pelo Diretor do Banco Mundial, Vinod Thomas, para o Brasil, esta semana. Disse o seguinte: “Na última década, nenhum país apresentou índices tão favoráveis na área social quanto o Brasil. Não há” – dito por ele – “registro de um avanço social tão grande em nenhum dos países que nós observamos. É mortalidade infantil que cai, desnutrição que diminui, escolaridade que aumenta, taxa de alfabetismo que diminui, esperança de vida que aumenta.” E por aí vai. Ele ainda menciona: “Talvez só a Malásia e Cuba foram capazes de fazer, tão rapidamente, um avanço social como fez o Brasil.” Com a diferença de que o Brasil tem 170 milhões de habitantes, é um grande país, não é apenas uma ilha – sem menosprezar o que foi feito em Cuba, que foi muito, mas é mais fácil.

Não obstante, vem o diretor do Banco Mundial e diz: “Comparem e vejam: nesta década, nenhum país avançou tanto, na área social, quanto

o Brasil.” E ainda acrescenta: “E, nesse meio tempo, o Brasil fez um ajuste fiscal.” Portanto, arrochamos o Orçamento, e o Governador sabe o quanto dói. E os prefeitos sabem o quanto dói. Mas nós não arrochamos a área social. Fizemos a estabilidade. Lembro-me do que diziam no começo: “Ah, isso é uma questão eleitoreira. Depois que ganhar a eleição, dispara a inflação de novo.” Já ganhei duas eleições, vamos ver a terceira; mas a inflação não vai disparar, não, porque não vamos deixar.

Não disparou a inflação, mas dizem: “Ah, mas quem vai pagar o preço disso são os trabalhadores.” Será? Não vou repetir dados que o Ministro da Fazenda, Pedro Malan, forneceu ontem sobre o salário mínimo. Chegou ao ponto mais alto da nossa história. É pouco? É pouquíssimo. Dói. Mas era muito pior. E, quando comparo com o passado, quando falo no tempo do Presidente Getúlio Vargas – sem menosprezar a memória de Getúlio, que fez muita coisa positiva –, o salário mínimo era só para o Rio de Janeiro e só para quem tinha caderneta assinada. Para mais ninguém. Depois, durante muito tempo, havia muitos salários mínimos em várias regiões do País, e, quando as pessoas querem criticar, pegam um no lugar mais alto e dizem que foi aquele. Não foi.

Essa preocupação não é minha. Mesmo que eu não quisesse fazer isso, a sociedade me obrigaria a fazer, porque os sindicatos são fortes, o movimento social existe, existe a pressão, existe a opinião pública, existem os parlamentares. Então, hoje, tudo isso se faz dentro da democracia e se avança dentro da democracia.

Por isso que, ao inaugurar, ao ver aqui a descida de um rotor, o Prefeito chama a atenção para o ser humano. E o que nos emociona é ver que, aqui, há uma reserva indígena, ao lado – estão as fotografias na sala próxima. E emociona ver – são os Paracaná – que os indígenas, como vimos aqui no vídeo, não apenas são melhor atendidos; está começando a crescer a população indígena, que era dizimada, como a floresta está preservada. Não por acaso, sou totalmente favorável à demarcação de terras indígenas. Demarquei tudo que pude, porque não há nenhuma incompatibilidade entre avançar e preservar, entre criar formas novas de cultura e civilização e manter as anteriores, fazer com

que elas, no seu próprio desenvolvimento, à sua maneira, convivam de um modo decente com as formas que estão sendo colocadas pela sociedade maior. É isso que nós vimos aqui.

Onde se viu, no Brasil, há trinta anos, que uma empresa que constrói barragens – não é só a nossa empresa, a Eletronorte, são muitas empresas que construíram barragens, e os nomes estão aí; não vou citá-las para não ser nenhum propagandista de empresa, só faço propaganda da Eletronorte –, alguma empresa que tivesse a preocupação com a responsabilidade social? Hoje, todas têm. Hoje, todas publicam, entre seus relatórios, o relatório do orçamento social. Hoje, todas têm que ter consciência do meio ambiente, todas têm que ter consciência da preservação cultural, todas têm que respeitar a cidadania.

Por isso, Governador, quando venho ao Pará, e vim recentemente e volto, também fico feliz, porque vejo, neste pedaço do Brasil – e não é um pedacinho: é um pedaço grande do Brasil –, que há esse espírito que descrevi aqui, a pinceladas; que a energia brasileira, aqui, no Pará, encontrou em suas mãos um timoneiro extraordinário, graças a sua decência. E é verdade o que ele disse: jamais pisou em Brasília choramingando, nem nunca me importunou pedindo que nomeasse esse ou aquele; muitas vezes nomeei pessoas do desagrado dele, político, por circunstância políticas, e ele entendeu. Sempre trabalhou com energia.

De modo que, se as estradas aqui mencionadas – e lamento que a BR-163 não tenha sido completada e se continua empurrando –, se a alça viária lá está, se me emocionei quando fui ver o Tramoeste, o linhão que levou a energia de Tucuruí para zonas que nunca tinham tido energia, no Pará, na área de Altamira; se nós fizemos a mesma coisa na direção de Belém – não vou repetir de novo, porque senão o nosso Parlamentar vai achar que estou na campanha dele, em Cametá; se nós fizemos tudo isso, fizemos porque o Governador Almir Gabriel e as forças que o apóiam foram capazes de chamar a atenção do Governo Federal para as necessidades do Estado do Pará, e não para as necessidades pessoais ou políticas dele. Pelo Pará. E, hoje, o Pará é um Estado que tem cabeça erguida. Hoje, o Pará é um estado que acredita em si, porque tem por que acreditar.

De modo que, ao vir aqui – e espero voltar quando esteja funcionando tudo isso aqui, mas, aí, espero voltar sem aparato nenhum, para que eu possa, pelo menos, ter o prazer de olhar, com mais vagar, o que acontece nos estados –, venho, realmente, com muita vontade de dizer: obrigado. Muitos de vocês me agradeceram. Está bem, fizemos juntos – e vamos fazer mais. E quem tem que dizer obrigado sou eu.

E, ao dizer obrigado a todos vocês, aos trabalhadores que estão aí à nossa frente, às trabalhadoras, aos Prefeitos e Prefeitas, aos Deputados, Senadores e Parlamentares, ao Governador, aos homens da administração, quero dizer que vamos estar todos juntos com essa mesma fé, levando o Brasil adiante. E, se Deus ajudar, fazendo gol para valer, no próximo domingo.

Muito obrigado.